

UM PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE MÍDIA, SEXUALIDADES E GÊNEROS NÃO NORMATIVOS NO BRASIL

Leandro Colling

E-mail: leandro.colling@gmail.com

Patrícia Conceição da Silva

E-mail: patriciaconceicao@gmail.com

Maycon Lopes

E-mail: mayconslopes@gmail.com

Tiago Sant'ana

E-mail: chip_soad@hotmail.com

Júlio César Sanches

E-mail: juliocesar_black@yahoo.com.br

Cíntia Guedes

E-mail: cintiaguedes7@gmail.com

Matheus Santos

E-mail: matheus2099@gmail.com

Resumo: O texto apresenta um panorama de estudos realizados no Brasil sobre as relações entre mídia, homossexualidades, lesbianidades e travestilidades através das apresentações e comentários de 80 trabalhos. A proposta é de divulgar e informar resumidamente do que trata cada trabalho, quais foram algumas das conclusões e alguns dos autores ou correntes teóricas mais utilizadas pelos pesquisadores. No final, os autores apontam algumas lacunas e características gerais desses estudos.

Palavras-chave: mídia; homossexualidades; gêneros.

Abstract: The article presents an outlook on 80 brazilian studies on the relations between media, homosexualities, lesbianisms and transvestisms. The intention is to spread and briefly inform what which work talks about, what were some of the conclusions and some authors or theoretical bias that were most used by the researchers. By the end, the authors show some gaps and general characteristics of these studies.

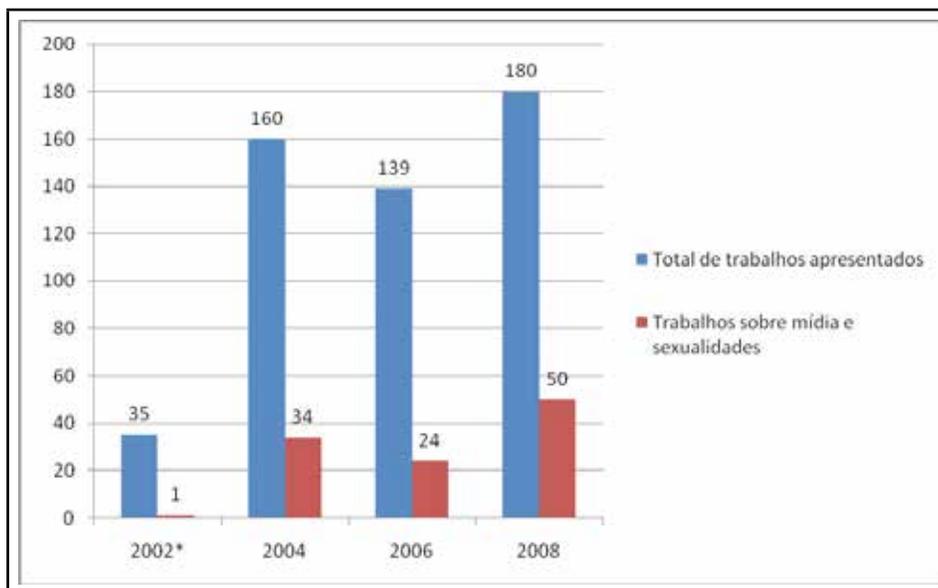
Keywords: media; homosexualities; genders.

Qual o peso dos estudos sobre a mídia e as homossexualidades, lesbianidades e travestilidades nos chamados estudos *gays*, lésbicos, trans e *queer* no Brasil na atualidade? Quais são os principais objetos analisados pelos pesquisadores? E quais as principais referências teóricas utilizadas? Com tais questões em mente, alguns dos integrantes do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS) começaram a fazer um mapeamento desses trabalhos. Os resultados preliminares são apresentados neste texto. O objetivo não é o de mapear todos os trabalhos produzidos, nem o de oferecer respostas exaustivas sobre as questões acima, mas o de apresentar um primeiro panorama, sem a pretensão de parecer conclusivo.

Para realizar o trabalho, os pesquisadores do CUS consultaram os anais de alguns eventos – edições do *Fazendo Gênero*, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), dos Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult)¹ e dos quatro primeiros congressos da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) –, nos quais pesquisadores brasileiros têm apresentado os resultados dos seus trabalhos. Além disso, alguns periódicos, como as edições das revistas *Bagoas* e *Gênero*, e coletâneas publicadas em livros também foram consultados.

Dentro desse universo limitado de nossa pesquisa, uma das evidências é de que, em especial a partir do ano de 2006, cresce o volume de trabalhos que analisam as relações entre a mídia e as sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. Um bom exemplo disso é o que ocorreu nos congressos da ABEH. A Figura 1 indica o total de trabalhos apresentados e o total de artigos que tratam sobre mídia.

¹ Obviamente, outros eventos também poderiam ser incluídos em nossa pesquisa, a exemplo das oito edições do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES) e outros. Selecionamos esses por questões de tempo e espaço para a produção deste artigo. Também não priorizamos os trabalhos de conclusão de curso de estudantes de graduação, cujo volume cresceu de forma impressionante nos últimos quatro anos. Acreditamos que isso deve reverberar, em um futuro próximo, no aumento no número de artigos, dissertações e teses sobre a temática.

Figura 1 – Mídia e sexualidades nos congressos da ABEH

* Em 2002, consideramos só uma coletânea (SANTOS; GARCIA, 2002) e, nos demais anos, os Cadernos de resumos.

Outro exemplo pode ser encontrado ao analisarmos os anais das edições do *Fazendo Gênero*, disponíveis a partir da quarta edição. Notamos que só a partir de 2006 ganham força no encontro os estudos de mídia e sexualidades, sendo que as edições anteriores problematizavam somente o gênero.

Para organizar este mapeamento, dividimos os 80 trabalhos entre estudos sobre cinema, imprensa, ficção televisiva (telenovelas e seriados), publicidade, internet e o que nomeamos de “outros tipos de mídia”.² A seguir, apresentaremos brevemente 77 trabalhos que foram lidos para esse levantamento.³ A proposta é de divulgar e informar resumidamente do que trata cada trabalho, quais foram algumas das conclusões e alguns dos

² Em alguns casos, o pesquisador, em um mesmo texto, analisa mais de um produto midiático, como alguma peça de publicidade e um telejornal, por exemplo. Nesses casos, optamos por colocar o trabalho no tipo de mídia que é mais destacado pelo pesquisador em seu texto. Consideramos como “outros tipos de mídia” aqueles trabalhos que não tratavam dos produtos mais analisados pelos pesquisadores, ou seja, filmes, telenovelas, minisséries e séries de televisão, jornais, revistas, telejornais, peças publicitárias, blogs, comunidades on-line etc.

³ O número (80) é menor que os apresentados no quadro sobre a ABEH (109). Isso porque não foi possível ler todos os trabalhos apresentados na ABEH, pois vários deles constam nos cadernos de resumos, mas não estão nos anais dos eventos.

autores ou correntes teóricas mais utilizadas pelos pesquisadores. Tudo isso será feito de forma muito sucinta, sem a pretensão de dar conta da complexidade e amplitude dos trabalhos. Para os limites deste texto, também seria impossível avaliar criticamente essas pesquisas. Ao final, faremos algumas considerações na tentativa de apontar características gerais desse conjunto.

Cinema

Um dos trabalhos pioneiros e mais referenciados sobre a representação dos homossexuais no cinema brasileiro é o livro fruto da dissertação de mestrado de Moreno (2002). Ele catalogou 127 e analisou 67 filmes brasileiros, exibidos entre 1923 e 1996, nos quais aparecem personagens homossexuais. O autor conclui que 60% das obras analisadas produzem uma representação que ele considera como pejorativa dos homossexuais, com a recorrência da “bicha afetada” e da “sapatão”, ou seja, o “estereótipo” do homossexual masculino afeminado e da lésbica masculinizada.

Entre os trabalhos que analisam o cinema brasileiro, posteriores a Moreno (2002), chama a atenção o número de textos sobre o filme *Madame Satã*, analisado sob diferentes perspectivas. Bragança (2003), por exemplo, compara a obra brasileira com a argentina *Plata Quemada* para pensar a representação do corpo como um aporte de transgressão do regime de representações dominantes. Sua análise é própria dos estudos sobre cinema e suas referências apontam Judith Butler como principal autora para as reflexões sobre gêneros e sexualidades. O corpo do personagem *Madame Satã* também chamou a atenção de Garcia (2003). Ele tenta identificar como é articulado um discurso de alteridade através dos elementos fílmicos e também aborda com especial atenção como o corpo do personagem homossexual propõe uma cumplicidade entre personagem, narrativa e espectador. O autor referencia textos próprios, de João Silvério Trevisan e de Hans Ulrich Gumbrecht.

Por sua vez, Rodrigues (2005) aponta a “ruptura” do filme *Madame Satã* com os moldes narrativos tradicionais através da experiência com planos próximos e do desfoque. Isso aproximaria a obra da pintura e convocaria o espectador para dentro das telas. A autora pontua, ainda, a confusão proposital entre corpo e fundo da imagem, o que suscitaria planos nos quais o corpo é a moldura da cena.

Identificando *Madame Satã* (2002) como o filme brasileiro contemporâneo que aprofunda a reflexão sobre a sexualidade subalterna, via Judith Butler, Alós (2008) trata de como a obra consegue deslocar os binarismos das categorias identitárias de gênero, sexualidade e etnia a partir de estratégias performativas e paródicas da representação do personagem principal. Retomando, num primeiro momento, as intervenções dos fatos históricos e das formações sociais na construção do filme, o autor conclui que o inverso também é possível, ou seja, que o cinema possui possibilidades concretas de intervir na construção da realidade.

Garcia (2006, 2009), além de analisar *Madame Satã*, também escreveu sobre as condições adaptativas de um cinema *queer* no Brasil. Recorrendo a teóricos como David William Foster, João Silvério Trevisan, Antônio Moreno e, usando como exemplo o filme *Ópera Curta* (2006), de Marcelo Lafitte, afirma que a provocação *queer* se dá pela diversidade cultural/sexual nele apresentada, paradigma da sociedade brasileira (antropofágica, mestiça e sincrética).

Em outro trabalho, Garcia (2010) analisa o vídeo-documentário *Julliu's bar*, de Consuelo Lins, que discute sobre a diversidade sexual na Baixada Fluminense (RJ). O autor problematiza o conceito de homocultura e verifica como a obra consegue humanizar as travestis que contam suas vidas e mostram onde moram e se divertem. Entre os vários autores citados, estão João Silvério Trevisan, Robert Stam e Didier Eribon.

Já Lopes (2008) reflete sobre as interlocuções dos estudos/movimentos feministas, *gays*, lésbicos e *queer* com o cinema. À luz de autores como Michel Foucault, Silviano Santiago, Eve Kosofsky Sedgwick e Antonio Moreno, o autor analisa três filmes (*Colcha de retalhos*, *Entre amigos* e *Morte em Veneza*) apostando na perspectiva da homoafetividade como modo de questionar o binarismo homo/heterossexual.

Ainda nos estudos com análises de algum componente da realidade brasileira, Tedesco (2010) investiga o discurso sobre maternidade e lesbianidade nos filmes *Leonera*, *O cárcere e a rua* e na série *Cárcel de mujeres*, na perspectiva de autoras como Tânia Swain, Ana Carolina Escosteguy e Lenise Santana Borges. Conclui que em *Cárcel* há uma representação superestereotipada da lésbica masculinizada e criminosa, diferentemente dos outros filmes, e destaca, também, que em todos há um louvor à maternidade.

Partindo da observação do cinema da década de 1990, Bessa (2007) identifica a ambivalência política nos festivais, que passam a ser cada vez mais frequentes e importantes, e inauguram o ainda recente cinema *queer*,

ou o *new queer cinema*. A autora aponta que o crescimento dos festivais LGBT corresponde ao aumento da visibilidade desses sujeitos. Coloca também que esse espaço possibilita a manifestação de novas subjetividades sobre as identidades, os corpos e as sexualidades.

Outro trabalho que trata sobre os festivais é o de Silva (2010, p. 614), que fez uma etnografia do carnaval de Florianópolis, das paradas *gays* de São Paulo e da capital catarinense, juntamente com uma análise genérica sobre os filmes exibidos no festival Mix Brasil, “para pensá-los enquanto formas de comunicação que apontam para sociabilidades alternativas, oferecendo às sexualidades ‘desviantes’ possibilidades de imagens, que também são possibilidades de territorialização”. O pesquisador recorreu a vários autores, com destaque para José Magnani, João Silvério Trevisan e Judith Butler, para pensar a antropologia, as paradas e os gêneros e a sexualidade, respectivamente.

Outros trabalhos fazem análises mais gerais sobre as produções cinematográficas. Nazario (2007) faz um breve panorama sobre a representação dos homossexuais na história do cinema, passando pela representação que apenas sugere a identidade homossexual no cinema hollywoodiano do início do século XX, pela representação decadente do cinema europeu de Rossellini e Visconti, e pelas caricaturas afeminadas que se apresentam no cinema das décadas de 1970 e 1980. O autor aponta a influência dos movimentos identitários a partir da Revolta de Stonewall e do advento da aids no cinema. Defende que, atualmente, o cinema de temática homossexual está aprendendo a tornar-se comercial e vendável.

Para discutir o cinema *queer* contemporâneo, Nepomuceno (2009) recorre a autores como Michel Foucault, Susan Sontag, Denílson Lopes e Judith Butler. Ao final de seu texto, a autora conclui que o cinema *queer* corresponde a um espaço no qual ficção e realidade reinventam suas narrativas ao optar pela complexidade de subjetividades desviantes em detrimento do sensacionalismo.

Entre os filmes produzidos no exterior, um dos mais analisados pelos pesquisadores brasileiros foi *O segredo de Brokeback Mountain*. Assim como em *Madame Satã*, a obra é estudada em diversos aspectos e através de várias perspectivas. Figueirôa (2006) analisa as paisagens e os espaços em que os dois personagens principais circulam. Retomando alguns estúdios da estética, como Ernest Gombrich, verifica como o diretor Ang Lee se valeu de uma estética do sublime e do pitoresco, características que seriam caras ao romantismo. Ao empregar o conceito de performatividade de Ju-

dith Butler, Tavares e Alves (2005) avaliam os atos performativos do personagem Ennis Del Mar. Segundo as autoras, o personagem enunciava atos, gestos e desejos que obedeciam a uma lógica heterossexual na tentativa de driblar a abjeção de ser homossexual naquele contexto.

Hioka (2008) defende que *O segredo de Brokeback Mountain* apresenta uma série de elementos heteronormativos, tais quais o fechamento do enredo com um destino trágico, a tomada de câmera subjetiva que faz com que o telespectador veja o relacionamento homossexual pelo campo de visão de uma personagem heterossexual, assim como o fato de que os protagonistas do filme apresentam traços de uma “masculinidade hegemônica”. Ainda assim, seria possível observar no filme o que Butler chama de “subversão da performatividade” ou “performatividade paródica”, uma vez que os personagens principais são hipermasculinos e, entretanto, engajam-se em práticas homossexuais, promovendo assim a tal subversão.

Miskolci (2006), ainda sobre o mesmo filme, defende que a obrigação social de relacionar-se com o sexo oposto, ou seja, a heterossexualidade compulsória, torna o amor entre os personagens invisível (e impossível) a partir da metáfora do viver no armário, em referência a Eve Kosofsky Sedgwick e Joan Scott.

Dias (2006) analisa o cinema de Almodóvar propondo uma confluência entre ensino da arte, estudos de cinema, cultura visual e teoria *queer*, em especial a noção de *queergender*. O autor produz um amplo diálogo entre a obra de Judith Butler e os filmes de Almodóvar, defendendo que o “discurso filmico” do diretor espanhol é “uma performance *queergender*”. Ele conclui refletindo sobre como essas obras poderiam ser utilizadas em sala de aula pelos professores. Outra pesquisa também baseada nos mesmos referenciais é a de Veloso (2008). A autora defende que o discurso filmico almodovariano denuncia, através da protagonista de *Tudo sobre minha mãe*, o caráter ficcional da coerência heterossexual imposta aos sujeitos.

Paiva (2007) reúne dezenas de filmes antigos e atuais com temática homoerótica, dividindo-os em vários eixos, tais como: obras que tratam de mitologias da vida afetiva e sexual na antiguidade; os que satirizam as relações homossexuais por meio da ideia do pecado mortal; aqueles com imagens de liberdade; os que ligam a homossexualidade com crime e castigo; os que trabalham com caricaturas e risos subversivos, entre outros. O autor diz ter absorvido ideias de Roland Barthes, Edgar Morin e Jean Baudrillard em seus estudos.

Louro (2008) também faz uma revisão da representação das sexualidades desviantes no cinema. Utilizando autores como Michel Foucault, Ann Kaplan, Jeffrey Weeks, analisa mais detidamente filmes como *Se essas paredes falassem* e *Transamérica*. Conclui que as obras, em muitos momentos, ainda se apegam a ideais heteronormativos ou pouco *queer*.

Duprat (2007) propõe uma reflexão sobre a utilização dos estudos culturais em metodologias de análise do “cinema *gay*”. Através de autores como Stuart Hall, Wilton Garcia, Guacira Louro e Denílson Lopes, argumenta que é necessária uma abordagem culturalista por conta da “multi-trans-inter-disciplinaridade” dos temas (sexualidade e cinema).

Outro filme que mereceu atenção especial dos pesquisadores é *XXY*. Monteiro e Nardi (2009), por exemplo, discutem a produção dos corpos nessa obra à luz de uma perspectiva foucaultiana. Além de Foucault, acionam Judith Butler, para discutir performatividade, Guacira Lopes, Thomas Laqueur, Teresa de Lauretis, entre outros. Ressaltam a importância do cinema e, em particular, *XXY* na produção de subjetividades. Oliveira (2010) também propõe uma análise sobre a mesma película para entender como as representações de sexo, gênero e sexualidade são colocadas em discurso nesse “artefato cultural”. A autora utiliza textos de Foucault, Tânia Swain, Daniel Wezer-Lang e Deborah Britzman para discutir essas questões e dá enfoque na relação familiar dos personagens.

Embasada em Stuart Hall, Tomás Tadeu da Silva e Kathryn Woodward, Souza (2006) estuda a representação da masculinidade e da dança no filme *Billy Elliot* e discute quem pode dançar. A partir dos conceitos de masculinidade (Robert Connell), normas de gênero (Dagmar Meyer e Guacira Louro) e heteronormatividade (Deborah Britzman), a autora defende que, ao expor que o mundo do balé clássico se opõe à concepção dominante do masculino, o filme problematiza tal representação na medida em que o protagonista Billy “marca” a sua heterossexualidade em diversas cenas e diálogos. E, ao final, exhibe a possibilidade de um homem heterossexual ser bailarino.

Mucci (2006) apresenta a trajetória mítica de São Sebastião num itinerário interpretativo que passeia desde a versão histórica “oficial” da Igreja Católica, as pinturas renascentistas, até a obra e biografia de emblemáticos artistas como Oscar Wilde, Thomas Mann e Salvador Dalí. O último adotou o santo como seu pseudônimo nas cartas que endereçava ao amante Federico Garcia Lorca. O autor defende que *Sebastiane* (de Derek Jernan) é a mais polêmica e possivelmente única representação cinematográfica do santo,

que lança para sempre no imaginário *gay* a figura de São Sebastião, investida de erotismo e misticismo, uma espécie de Cristo obscuro nutrido por um repertório de beleza, dor e gozo a partir de uma retórica homoerótica.

Já Aguerro (2006) defende que, nos *chick flicks* (ou “filmes para mulheres”), enquanto toda mulher “verdadeira”, entendida evidentemente a partir do viés heteronormativo (Butler), tem como sonho o casamento, os *gays* são representados como seres assexuados e meramente decorativos, não apresentando qualquer resistência ao *mainstream*, ou *malestream*, como denominou Ruth Tompsett.

Como é possível verificar, temos uma grande variedade de trabalhos sobre cinema e sexualidades e gêneros não normativos. Passemos, agora, para as análises da imprensa.

Imprensa

Entre os estudos sobre a imprensa, tudo indica que a maioria dos pesquisadores prefere analisar as publicações dirigidas ao público LGBT. Rodrigues (2010) estudou as diagramações dos jornais *Lampião da Esquina*, *Nós*, por exemplo, *Ent&* e da revista *Sui Generis*. Uma das conclusões é de que o primeiro – que possui como um dos autores centrais o teórico Roland Barthes – não produziu um projeto gráfico que acompanhasse a vanguarda do seu discurso verbal.

Simões Júnior (2006) estudou a construção e reconstrução das identidades dos homossexuais no jornal *Lampião da Esquina*. Recorrendo a Stuart Hall e Elisabeth Badinter, Peter Fry, entre outros, o autor aponta como diversas vozes, presentes na seção de cartas, apontavam para identidades múltiplas, complexas.

Barroso (2009) apresenta os resultados de sua análise do *Jornal do Nuances*, de Porto Alegre. Ele defende que, no período analisado, a publicação serviu como um instrumento para o grupo criticar o próprio movimento LGBT dominante no Brasil e os “*gays* de classe média” através das falas das “bichas bafonas”.⁴ O Nuances é um dos primeiros grupos nacionais a ser influenciado pelas reflexões da teoria *queer*.

Silva e Montenegro (2010) analisaram, através de Roger Chartier, as capas da revista *G Magazine* e apontam como as imagens produzem um

⁴ Modo como muitos gays gaúchos se referem às “bichas fechativas”, que fazem “bafão”.

modelo de virilidade e de corpo ideal, atributos que seriam exclusivos dos heterossexuais, ao passo que negam quem está fora desses padrões e identificados como homossexuais. Outro trabalho sobre o mesmo periódico é publicado neste dossiê da revista *Gênero*. Trata-se de um artigo fruto da dissertação de Silva (2011), na qual ela analisa o corpo presente nas imagens publicadas em edições produzidas de 1997 a 2005. Suas conclusões são semelhantes às de Kronka (2010), que também estudou revistas, em especial a *Homens*, só que via semiótica de Dominique Maingueneau. Ela igualmente destaca como as imagens dos fotografados reafirmam ideais de masculinidade e de heterossexualidade inabaláveis. Os anúncios dos leitores também seguiriam tendência semelhante ao rejeitarem os afeminados, gordos e promíscuos.

Feitosa (2010) analisa dois editoriais da *Junior*, a partir do pressuposto de que esses são lugares estratégicos de endereçamento ao público leitor almejado pela revista – os homossexuais masculinos – e de que a partir disso é possível discutir as representações identitárias de gênero na chamada “imprensa gay”. O autor caracteriza o posicionamento da revista no mercado editorial dirigido aos *gays*, a partir da identificação de estratégias discursivas, tais como a tentativa de não excluir outras possibilidades de orientação sexual na construção do diálogo com seu público e o jogo simultâneo de reconhecimento e problematização da existência de uma identidade coletiva homossexual.

Azevedo (2010) também apresenta uma análise da revista *Junior* à luz da teoria *queer*. A autora tece uma crítica à naturalização do *gay* nas páginas da publicação e expõe que a *Junior* reitera a visão social hegemônica de homens ricos, masculinizados e musculosos – ainda que a publicação afirme ter como finalidade desconstruir opiniões acerca de minorias marcadas por diferenças de performatividade, condição física e classe social.

Objetivando fazer um mapeamento das principais publicações dirigidas aos *gays* no Brasil, Santos e Veloso (2009) analisaram o processo de consolidação dessa imprensa. Os autores apontam como a “imprensa gay” partiu de um modelo de coluna social para um modo em que o refinamento e a preocupação estética são exaltados. Citando estudos de James Green e João Silvério Trevisan, concluem que o mercado editorial reconheceu a importância social dos *gays*.

Ainda sobre a “imprensa gay”, Rodrigues e Victorio Filho (2007) analisam comparativamente as linguagens verbal e visual de quatro periódicos

brasileiros. Defendem, com o aporte teórico dos estudos culturais, que, em contraposição ao *Lampião da Esquina*, a revista *Sui Generis*, tal qual a sua narrativa, possuiria um campo gráfico transgressor, que aliaria traços de bom gosto e estilo à homossexualidade e demarcaria naquele período o papel fundamental do que eles chamam de “design identitário”, provocador de um questionamento criativo das possibilidades identitárias.

Afora os trabalhos sobre os periódicos dirigidos à “comunidade” LGBT, temos várias pesquisas que analisam determinadas coberturas da chamada “grande imprensa”. Ribeiro (2010), por exemplo, verifica, à luz de Stuart Hall e Michel Foucault, como os telejornais cobriram a Parada do Orgulho Gay de 2007, em São Paulo. O autor aponta, também, que os programas produziram um discurso preconceituoso ao tratar das diferenças entre os gêneros, pois apresentariam o universo homossexual como homogêneo. Além disso, as reportagens associavam a parada com violência e drogas. A exceção seria uma reportagem exibida no *Fantástico*, considerada pelo autor como *queer*, por incluir uma variedade de identidades de gêneros.

Melo (2009) analisa a construção da homossexualidade em um texto do jornal *Folha de Pernambuco*, também sobre a Parada Gay de São Paulo. O autor utiliza a Análise Crítica do Discurso (especialmente Norman Fairclough) e autores como Guy Hocquenghem e João Silvério Trevisan na área de sexualidade e destaca como, através da disposição de palavras nas notícias, o jornal ora omite um agente militante homossexual, ora o visibiliza. Acredita que o jornal cumpre com o dever de informar sobre o evento.

Kleaim e Sperandio (2010) analisam a cobertura da imprensa capixaba ao suicídio de um policial (João Bosco Lima) que assassinou uma travesti (Evelyn), com quem ele se relacionava. Os autores usam as discussões sobre heteronormatividade e abjeção, via Judith Butler, para analisar o caso e criticar as reportagens.

Torre (2010) investiga como o jornal *Folha de S. Paulo* cobriu um caso de discriminação sexual em Pontal (SP), envolvendo Juliano Araújo da Silva, que foi multado por caluniar o homossexual Favaretto Neto. Torre defende que os textos simplificaram o problema da homofobia, que se transformaria em um problema, para o jornal, apenas quando um dos seus possíveis leitores fosse alvejado. Daniel Borillo é o autor usado para a discussão sobre homofobia.

Colling (2006) analisa a cobertura de jornais e revistas acerca do polêmico caso do padre Pinto, ocorrido em 2006, em Salvador. O pesquisador identifica o enquadramento (via Robert Entman e Mauro Porto) dos textos

publicados e defende que os jornalistas omitiram ou não viram as características *camp* (usando Susan Sontag) e *queer* (Guacira Louro) da performance (visivelmente ligada aos *shows* de transformismo) do religioso na Festa dos Reis da Igreja da Lapinha.

Melo (2007), por sua vez, realiza um estudo linguístico – embasado na teoria crítica do discurso e valendo-se de nomes como Michel Foucault, Peter Fry, James Green, Edward McRae e João Silvério Trevisan – para compreender como os homossexuais são representados no jornalismo impresso. O autor percebeu uma tendência de existir, nas notícias, um papel de agente ou de paciente. Melo concluiu que os homossexuais estão associados a indivíduos agentes apenas em seu próprio contexto social.

Darde (2008), ancorado nas discussões das teorias do jornalismo e em pensamentos de Guacira Louro e Richard Parker, analisa como a heteronormatividade esteve presente numa reportagem do *Globo Repórter*, que tratava sobre a adoção por duas lésbicas. O autor considera que o caso só foi mostrado, porque as envolvidas estavam em conformidade com a heteronormatividade do programa.

De Paula (2010) observa em seu estudo o discurso das produções midiáticas brasileiras (revistas *Veja*, *Isto é*, *Época*, jornais *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*, diversos sites e blogs). Na sua análise, o autor usa as reflexões foucaultianas sobre a “sociedade disciplinar” e “biopoder” para demonstrar que a mídia brasileira produz e reproduz discursividades biopatologizantes acerca do tema do *barebacking*. Traçando um panorama das discursividades produzidas na mídia, o autor conclui que nela circulam discursos acadêmicos, de especialistas, de leigos e dos próprios *barebackers*. Assim, existe uma mescla de “saberes” sobre essas práticas sexuais que são perpassados pelos discursos patológicos, morais e criminalizadores, reforçando ainda mais o caráter desviante e doentio do *barebacking*. O autor também conclui que as discursividades produzidas pela mídia sempre associam a prática do *barebacking* à homossexualidade, esta última ainda vista como um desvio neuropsicológico, moral e social.

Ao analisar reportagens de duas revistas brasileiras voltadas para meninas – *Capricho* e *Todateen* –, Santos e Silva (2008) concluem que as publicações reproduzem um padrão de relação entre gêneros baseado na reiteração da heterossexualidade como norma, bem como na valorização de atributos e condutas que estejam em conformidade com as normas de gênero vigentes como, por exemplo, o investimento em relacionamentos

duradouros e monogâmicos. Trabalho semelhante foi realizado por Conceição (2010), que analisou as revistas *Atrevida* e *Capricho* com o intuito de compreender como essas publicações constroem as identidades sexuais de suas leitoras e, ainda, quais normas regulatórias dos corpos, desejos e comportamentos sexuais estão presentes nessas publicações. Ao observar as edições do ano de 2008, a partir da perspectiva dos estudos *queer*, a autora reflete sobre como a heterossexualidade atua como norma pela qual passa a própria constituição do que é “ser menina”.

Assim, Soares e Meyer (2003) analisam a revista *MTV – Music Television* enquanto artefato cultural que participa da constituição de formas de ser e viver a sexualidade e a juventude na contemporaneidade. As autoras enfatizam que a construção das identidades sexuais dos jovens envolve uma série de aprendizagens inscritas nos corpos, que são invisibilizadas e apresentadas como comportamentos normais. A demarcação dessas normas, bem como de seus desvios, surge no artigo atrelado intimamente às relações de poder, formas de inserção social, sistemas de classificação e hierarquização.

Por fim, destacamos quatro trabalhos que se diferenciam dos demais pelo fato de que os pesquisadores optaram por analisar outras questões. Barroso (2010), por exemplo, não analisou propriamente uma cobertura, mas uma série de textos em que os militantes e/ou acadêmicos e jornalistas criticam a forma sensacionalista com que a grande imprensa e os programas de entretenimento das redes de TV, em especial os destinados a “camadas populares”, tratam as questões LGBT. O mesmo tom crítico desses leitores privilegiados não ocorreria em relação aos produtos dirigidos à classe média-alta e públicos mais escolarizados. João Silvério Trevisan é um dos autores mais acionados pelo pesquisador.

Nogueira (2008) usou a imprensa como documento histórico e apresenta casos de mulheres “invertidas” veiculados por alguns jornais brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Elas eram consideradas um atentado à moral e aos bons costumes, devido aos seus trajes “masculinos” que confundiam as fronteiras entre os gêneros, fato que se verificaria no sensacionalismo muito presente nos referidos jornais. A autora observa como a ciência, especialmente a medicina e a antropologia cultural, ocupou-se do estudo do travestismo feminino, tratado como caso de polícia, doença, problema social e da nação. Referencia, entre outros, Peter Fry e James Green.

Outra exceção é o trabalho de Veiga e Fonseca (2010). Elas analisam como a heteronormatividade está presente em uma redação jornalística

e como os ideais de gênero e sexualidade estão imbricados na produção das notícias. Através do método da etnografia e calcadas em estudos de Guacira Lopes Louro e nas teorias do jornalismo, as autoras concluíram que os jornalistas são produtos e produtores de representações de gênero e sexualidade hegemônicas. Esse foi o único trabalho sobre rotinas produtivas encontradas em nosso mapeamento.

Em seu estudo, Pereira (2010, p.603) analisa as tirinhas de Laerte e Adão Iturrusgarai publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*. O primeiro abordaria a homossexualidade “com mais naturalidade”, enquanto o segundo “jogaria mais com os estereótipos”. Porém, ambos conseguiriam “fazer um humor acessível ao grande público sem se render à vulgarização ou à representação depreciativa do tema”.

Os estudos sobre a imprensa, como vimos, priorizam as análises das publicações impressas dirigidas ao público LGBT e determinadas coberturas jornalísticas. A seguir, trataremos de um conjunto de trabalhos que analisam telenovelas, séries e minisséries de televisão.

Ficção televisiva

Peret (2005) fez uma ampla pesquisa sobre a representação de personagens não heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo, no período de 1974 a 2005, e analisou mais detidamente a obra *Mulheres apaixonadas*. Sobre a mesma telenovela, também pesquisou a recepção em um grupo focal. Baseado em Moreno (2002) e outros, dividiu as novelas entre os grupos de personagens com estereótipo de inversão de gênero, sem estereótipo de inversão de gênero, transgêneros (onde ele incluiu também intersexos, travestis e transexuais) e heterossexuais confundidos com homossexuais.

A partir dos trabalhos de Peret (2005) e Moreno (2002), porém influenciados pela teoria *queer*, em especial a obra de Judith Butler, os integrantes do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS) identificam e analisam, desde 2007, a representação de personagens não heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Os pesquisadores já analisaram cerca de 25 obras, com textos apresentados em vários congressos e alguns já publicados em periódicos.⁵ Em um dos primeiros trabalhos publicados por membros do grupo, Colling (2007) verifica que existem pelo menos três grandes formas com as quais a emissora associou esses personagens. Em

⁵ Todos os textos finalizados do grupo podem ser lidos em www.cult.ufba.br/cus

um primeiro momento, os homossexuais estavam vinculados com a criminalidade. Logo depois, começou o ciclo, ainda não concluído, de associação dos homossexuais com o estereótipo da “bicha louca” afeminada que, nos últimos dez anos, passou a ser substituída ou a conviver com a representação de não heterossexuais inscritos dentro da heteronormatividade. Um desses exemplos é o caso da telenovela *Duas caras*. Colling e Barbosa (2010) apontam que, ainda que a obra tenha apresentado personagens que vivenciaram de formas distintas as suas sexualidades, ao final acabou por inscrever o personagem *gay* principal dentro de um modelo heteronormativo. Conclusão semelhante é apontada em Colling e Sanches (2010) sobre a telenovela *As filhas da mãe*. Os autores concluem que a primeira personagem transexual das telenovelas da Rede Globo, vivida pela atriz Cláudia Raia, também foi inscrita dentro da heteronormatividade.

Já Santos (2010), também do CUS, analisa a representação da intersexualidade na telenovela *Renascer*. Utiliza como referencial teórico principal os estudos *queer* (Judith Butler, Michel Foucault, Beatriz Preciado). Conclui que, ainda que tenha uma performatividade de gênero feminina bastante estereotipada, a personagem intersex Buba se recusa a realizar a cirurgia; por isso, *Renascer* caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade *queer*, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos. Em outro texto, Santos (2009) analisa a representação dos personagens não heterossexuais na telenovela *Paraíso tropical*. Utiliza como referencial teórico principal os trabalhos de Foucault, Butler, Denílson Lopes, David Halperin e Susan Sontag. Considera que, apesar de representar um casal homo extremamente higienizado e que não demonstra afeto entre si, há na trama diversos discursos que condenam o preconceito, pronunciados por travestis que não são atrizes. Por isso, os personagens homossexuais, dentro de um modelo heteronormativo, receberam um tratamento humanístico e contribuíram para o combate aos preconceitos e à homofobia.

Borges (2007) analisa quatro novelas, *Vale tudo*, *Torre de babel*, *Mulheres apaixonadas* e *Senhora do destino*. Defende que a última destacou-se pela ousadia, pois foi a primeira telenovela a exibir cenas íntimas entre duas lésbicas. Além disso, contribuiu também ao introduzir o tema da adoção, já disputado politicamente pelo movimento LGBT. Segundo a autora, as quatro obras possuem semelhanças na apresentação do perfil das personagens, que se aproxima do “lesbian chic” – bonitas, refinadas e apaixo-

nadas. Borges concorda com Silvia Gomide,⁶ que pontua que a aparição do casal em *Senhora do destino* é feita à custa de um padrão hegemônico – heterossexualidade, monogamia, coabitação e criação de filhos.

Rangel e Caetano (2010, p.620-621) tratam de como as representações (via Denise Jodelet, em especial) televisivas têm a capacidade de “naturalizar, generalizar e absolutizar” as normas de gênero e de como essas questões necessitam ser discutidas em família e na escola para conquistarmos o respeito às diferenças. Para os autores, as telenovelas, por exemplo, estariam, mais recentemente, produzindo “atitudes de respeito à identidade de gênero dos personagens”, mas ainda predominariam os “enredos que constroem imagens depreciativas, através de condutas, gestos, palavras e trejeitos que provocam, em relação aos personagens que não se enquadram em padrões considerados ‘normais’, reações de ridicularização e escárnio”.

Beleli (2009) observa, por sua vez, os personagens não heterossexuais nas telenovelas *Páginas da vida* e *A favorita* e em algumas peças publicitárias. A autora também conclui que o conhecido estereótipo do *gay* afeminado e da lésbica masculinizada pode estar sendo substituído por outro, no qual os casais de homens *gays* são másculos, sensíveis, mas sem afetação, e as mulheres lésbicas são bem femininas. Todos são bem-sucedidos financeiramente e monogâmicos. A pesquisadora também usa Judith Butler.

Ana Cláudia Rodrigues (2005) avalia a representação de lésbicas em quatro novelas do horário nobre da Rede Globo. A autora se vale da hipótese de que, a partir de um presumido maior poder econômico, *gays* e lésbicas conseguiram maior espaço na mídia brasileira. Ela destaca que alguns autores de novela conseguem tratar a lesbianidade de forma “natural”. A pesquisadora articula ideias de pensadores que tratam de comunicação e consumismo com estudos de sexualidade – feitos por diversos autores, entre eles, Peter Fry, Edward McRae, Regina Facchini e Luiz Mott.

Entre os estudos sobre a ficção televisiva, encontramos vários trabalhos sobre os seriados norte-americanos. Zanforlin (2004),⁷ por exemplo, analisa a representação do homossexual na primeira temporada de *Queer as folk*, utilizando-se de autores como Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Peter Fry e Edward MacRae. A autora conclui que muitos estereótipos

⁶ A autora refere-se à dissertação Representações das identidades lésbicas na telenovela *Senhora do destino*, defendida no mestrado em Comunicação da Universidade de Brasília em 2006.

⁷ A mesma pesquisadora também é autora do livro Rupturas possíveis: representação e cotidiano na série *Os Assumidos (Queer as Folk)*. São Paulo: Annablume, 2005.

e preconceitos são mantidos no seriado, como os papéis sociais da “bicha passiva” (dona de casa) e da ativa (bem-sucedido profissionalmente).

Nucci e Melo (2008), ao analisar *Queer as folk* e *The L world*, concordam com o trabalho de Hamburguer e Almeida (2004) quando afirmam que, do mesmo modo que os produtos culturais produzem transformações sociais nas concepções de sexualidades e relacionamentos, também reforçam padrões hegemônicos. Reis e Cancela (2010) valem-se dos postulados de Peter Fry e Edward MacRae, assim como de Maria Luiza Heilborn, para defender que *Queer as folk* reproduz a lógica de gênero dominante, tanto no investimento da dicotomia passividade/atividade, quanto na diferenciação entre gays e lésbicas. Estas, por exemplo, seriam desprovidas de erotismo na série.

Valendo-se dos estudos de gênero e sexualidade contemporâneos, assim como da teoria *queer*, Braz (2010) propõe, ao analisar a série televisiva *True blood*, que a luta por direitos civis dos vampiros no seriado pode ser entendida como metáfora e paródia de luta análoga empreendida pelos movimentos sociais atualmente, sobretudo o LGBT. A partir desse diálogo, o autor realiza uma discussão que perpassa por diferentes atitudes e suas implicações diante das regulações sociais, como a normalização da marginalidade ou o antiassimilacionismo. O trabalho ainda apresenta uma rica interpretação acerca da performatividade de gênero da personagem Lafayette Reynold, que varia do masculino hegemônico (“buff”) ao *camp*, conforme o seu espaço de atuação.

Nesta seleção de alguns trabalhos sobre ficção televisiva, fica visível o predomínio dos trabalhos sobre telenovelas produzidas pela Rede Globo. Em seguida, trataremos dos artigos sobre publicidade e propaganda.

Publicidade e propaganda

Um dos livros mais referenciados sobre a publicidade e as homossexualidades foi escrito por Nunan (2003). Nesta obra, ela também faz um panorama sobre as relações entre mídia e sexualidades não normativas. Segundo ela,

[...] existem duas formas opostas, mas igualmente preconceituosas, de representação homossexual: a do homossexual violento e a do homossexual efeminado. Ambas as visões mostram a homossexualidade como algo exótico, bizarro, diferente ou anormal, procurando quase sempre alavancar os índices de audiência. (NUNAN, 2003, p. 100)

Um dos pesquisadores que, de certa forma, continuou o trabalho de Nunan e escreveu vários artigos sobre as relações entre a publicidade e as homossexualidades é Rodrigues (2008).⁸ Nesse artigo, ele apresenta alguns dos resultados de sua tese de doutorado⁹ e faz um panorama histórico da presença de *gays* e lésbicas na publicidade e na propaganda no mundo e no Brasil. O objetivo é de verificar como essa crescente visibilidade esteve e está atrelada ao surgimento do chamado “mercado GLS”. O autor se baseia entre outros, em João Silvério Trevisan, Richard Parker e na própria Adriana Nunan.

Em publicação anterior, Rodrigues (2006) analisa uma peça publicitária de um curso pré-vestibular, veiculada de 1997 a 1999, tendo como referencial teórico David Halperin, Connell e a análise do discurso via Dominique Maingueneau. A peça se passa em um vestiário onde, depois de um jogo de futebol, um rapaz revela que é apaixonado pelo amigo. O autor analisa como as masculinidades são tratadas no produto e critica a forma desqualificada como a peça usou o humor para tratar do tema e de como ela reafirmou as convenções de gênero.

Beleli (2005) aponta como a publicidade brasileira traz construções de gênero, sexualidade, raça e nacionalidade. Através de análises de propagandas e entrevistas com publicitários, a autora assevera que a publicidade tende a sugerir uma relação inteligível entre sexo, gênero e desejo, dando escoamento à heteronormatividade. Apesar disso, Beleli também destaca que há dissidências em algumas publicações.

Peças publicitárias da Fiat foram analisadas por Leite (2010) por meio da análise do discurso de Norman Fairclough. Para ele, as peças da série *Reveja seus conceitos* poderiam ser consideradas contraintuitivas, isto é, teriam a capacidade de romper com os estereótipos. Na peça analisada, uma professora fica constrangida ao perceber que um dos seus alunos possui duas lésbicas como “mãe e pai”.

Vinícius Ribeiro (2010) aborda de forma panorâmica várias peças publicitárias e coberturas jornalísticas para defender como esses produtos da comunicação estão presos à heteronormatividade e como eles produzem as abjeções. Judith Butler é uma das autoras mais utilizadas. No universo de

⁸ Ver o texto que integra esse dossiê e Rodrigues (2009, p. 327-347).

⁹ As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas. Porto Alegre, 2008. 309f. Tese de doutorado – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

nossa pesquisa, encontramos apenas esses trabalhos sobre a publicidade e as sexualidades e gêneros não normativos.

Internet

Os trabalhos sobre internet, assim como os da publicidade, também parecem ser menos numerosos. Em artigo no qual apresenta partes de sua tese de doutorado,¹⁰ Nussbaumer (2008) verifica como grupos de homossexuais estão se apropriando de novas tecnologias da comunicação e, com isso, experimentando outras formas de vivenciar suas sexualidades. Entre elas estaria uma maior liberdade e possibilidade de driblar os preconceitos, através do anonimato e do encontro entre pessoas que sofrem os mesmos dilemas. Ela dialoga com vários pesquisadores que investigaram os mesmos objetos, e depois se aproxima das discussões sobre escrita de si, de Michel Foucault, e identidade, via Manuel Castells e Kathryn Woodward. Trabalho similar foi realizado por Alonge (2007), no qual ele analisa como a internet, em especial os *blogs*, produziram novas formas de (homos)sociabilidade entre a comunidade LGBT.

Ancorado na noção de dispositivo de sexualidade em Foucault, performatividade em Judith Butler e na teoria *queer*, Oliveira (2009) mapeia o termo “pedofilia” (“pedófilo”), retomando-o a partir das práticas sexuais na Grécia Antiga e nos séculos XVI e XVII, até assumir a condição patológica dos dias atuais. O autor identifica suas variáveis, especialmente relacionadas às idades-limite sob as quais identificamos os sujeitos enquanto crianças. Por fim, propõe a internet como lugar onde se constrói a identidade do pedófilo, e, principalmente, onde é possível encontrar um deslocamento do termo e dessa identidade a partir dos *boylovers* e do ativismo pedófilo, que disputa a significação do que é pedofilia.

Como já destacamos no item Imprensa, o trabalho de De Paula (2010), além de analisar o discurso de revistas e jornais sobre a prática do *barebacking*, também analisou *sites gays*, *blogs* e *weblogs*. Outro pesquisador que também usou a internet para pesquisar o mesmo universo é Luiz Augusto Silva (2010). Ele pesquisou comunidades do *Orkut* nas quais os participantes discutiam (sobretudo defendiam) sobre o sexo entre homens sem o uso de preservativos. Entre os autores mais consultados estão David Le Breton, Jurandir Freire Costa, Deborah Lupton e Zygmunt Bauman.

¹⁰ Comunicação, sociabilidade e escrita de si: a comunidade GLS no ciberespaço, defendida em 2004 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Ver também Nussbaumer (2005).

Outros tipos de mídia

Agrupamos aqui os dois trabalhos que não se “encaixavam” em nenhum dos grupos anteriores. Aqui, a ideia é também a de visibilizar artigos que analisam produtos midiáticos pouco privilegiados pelos pesquisadores. Aranha (2006) investiga mangás, publicados no Brasil, que continham personagens homossexuais. Segundo ele, esses produtos são criados por mulheres e para mulheres, com temática central baseada em romances entre homens jovens. Seriam obras que revelam “muito mais um processo de resistência feminina do extremo oriente” do que a tematização da homossexualidade em si. Citando M. McLelland, o autor enfatiza que pensar a homossexualidade como identidade, mesmo no Japão moderno, é uma questão problemática, especialmente se usarmos a lente de um ocidental, que tende a vincular a prática homossexual com uma identidade homossexual. Assim, o autor se pergunta como se dá essa recepção nos leitores brasileiros.

Sierra (2006), por sua vez, analisa as narrativas vinculadas nos cartazes e *folders* produzidos pelo Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde em 2001. Ele concluiu que, apesar de incorporar o posicionamento politicamente correto de respeito às diferenças, as “narrativas do bem” reiteram os discursos que promovem identidades normais *versus as* anormais e abjetas. O trabalho desenvolve-se norteado pela noção de performatividade de gênero de Judith Butler.

Avaliação e considerações gerais

A partir dos trabalhos citados neste artigo, é possível concluir que o volume de pesquisas já aponta para um fato significativo: os pesquisadores com formação na área da comunicação, e também em outras áreas, perceberam a importância de estudar as sexualidades e gêneros não normativos nos produtos midiáticos. Se em 2007 apontávamos, aqui na revista *Gênero*, que ainda existiam poucos estudos sobre esses temas (COLLING, 2007), hoje não podemos mais dizer o mesmo.

Esse panorama parcial também aponta para uma significativa diversidade de objetos de pesquisa analisados. No entanto, também é fácil perceber que existem determinados produtos (objetos) que são privilegiados, tais como alguns filmes ou a chamada “imprensa *gay*”. Nesse sentido, é interessante observar a pouca quantidade de análises sobre pro-

mentos dirigidos ao público heterossexual. Analisar esses produtos, com os referenciais teóricos dos estudos *gays* e lésbicos, ou da teoria *queer*, poderia ser muito interessante para o desenvolvimento dessa área de pesquisa. Uma das exceções apontadas aqui é o trabalho de Conceição (2010) e de Santos e Silva (2008).

Outra percepção, que ainda valeria ser investigada com mais profundidade, é o grande interesse que os autores da teoria *queer* têm despertado nos pesquisadores brasileiros, em especial a obra de Judith Butler. Nos congressos da ABEH, por exemplo, isso começa a ser perceptível, especialmente a partir do evento realizado em Brasília, no ano de 2004, mas fica bem visível dois anos depois, na edição de Belo Horizonte. Autores como Jurandir Freire Costa, João Silvério Trevisan, Peter Fry e outros deixam de ser utilizados com a mesma intensidade e são substituídos por Michel Foucault (sempre presente, mas talvez não com intensidade), Judith Butler, David Halperin, Guacira Lopes Louro e Sedgwick, todos ligados à teoria *queer*. Essa mudança se reflete, obviamente, nos conceitos mais recorrentes. Se antes o conceito de homoerotismo era exaustivamente utilizado, via Jurandir Freire Costa, agora as discussões sobre heteronormatividade e performatividade de gênero aparecem cada vez com mais intensidade.

Uma série de outros autores próximos dos estudos culturais e pós-coloniais, como Stuart Hall, também passaram a ser utilizados com frequência. Para discutir masculinidades, Robert Connell é um dos mais estudados. Entre os brasileiros, além de Louro, destacam-se Denílson Lopes e Trevisan. As obras em língua portuguesa do americano James Green, sobre a homossexualidade no Brasil, também são constantemente citadas e utilizadas.

No entanto, chama a atenção como os pesquisadores brasileiros ainda usam muito pouco outros estudiosos nacionais que já pesquisaram os mesmos objetos ou produtos muito similares aos seus. Isso demonstra, entre outras coisas, que a circulação dos trabalhos da área ainda é insuficiente. Talvez por causa disso muitos autores escrevam seus textos como se eles fossem os primeiros ou os únicos que estão apresentando “novidades” para os seus leitores e pares. O aprofundamento e a diversidade dos estudos nessa área dependem de uma maior interação, leitura, uso e crítica dos trabalhos entre esses pesquisadores. Esperamos que este artigo sirva como uma modesta contribuição nesse sentido.

Por outro lado, os pesquisadores demonstram ter uma grande preocupação em promover o diálogo entre autores próprios do campo da comu-

nicação com estudiosos que discutem sexualidades, gêneros, identidades e também outras correntes teóricas, como análise do discurso, estética, psicanálise etc. Isso nos leva a crer que esses estudiosos tentam ou são forçados, pela própria característica da área e dos objetos, a produzir trabalhos dentro de uma perspectiva inter/multidisciplinar.

Uma das conclusões mais recorrentes dos trabalhos é a de que a mídia, em geral, reforça padrões de sexualidade e gênero que dificultam ou até impedem o respeito à diversidade sexual e de gênero. No entanto, o modo como cada autor identifica, analisa e critica esses padrões depende das suas referências teóricas. Aqui ficam explícitas as diferenças entre os chamados estudos *queer* dos estudos *gays* e lésbicos. Enquanto os primeiros tendem a desconstruir toda e qualquer concepção de qual seria a melhor forma de tratamento e representação produzida pela mídia, os segundos tendem a concordar entre quais as identidades e representações seriam as mais desejáveis. Essas, em geral, são aquelas que rejeitam os *gays* afeminados, as lésbicas masculinizadas, as travestis, todas as “fechativas”, os promíscuos que não desejam casar e ter filhos.

Entre as lacunas, pelo menos dentro desse universo pesquisado, fica evidente a falta de trabalhos sobre os programas radiofônicos e, na televisão, sobre os programas humorísticos, frequentemente criticados pelos ativistas do movimento LGBT. Também ainda são escassos os trabalhos sobre a publicidade, a internet ou outros produtos midiáticos menos ligados aos grandes meios de comunicação. Não encontramos nenhum trabalho completo sobre assessorias de comunicação.¹¹ Em relação ao jornalismo, apenas um trabalho citado aqui pesquisa as chamadas rotinas produtivas dos jornalistas (VEIGA; FONSECA, 2010). A maioria analisa o conteúdo publicado e apenas um pesquisou a recepção das mensagens, no caso, de uma telenovela (PERET, 2005). Ainda sobre as telenovelas, é visível o maior interesse pelas obras veiculadas pela Rede Globo, ainda que outras emissoras já tenham, também, contado com a presença de personagens homossexuais em suas tramas. Além disso, não encontramos trabalhos sobre *reality shows* e a homossexualidade, apesar de uma das edições do *Big Brother Brasil* ter sido vencida pelo homossexual e hoje deputado federal Jean Wyllys.

Esses são apenas alguns apontamentos e hipóteses que o nosso levam-

¹¹ Apenas sabemos da existência de um trabalho através dos cadernos de resumos do III Congresso da Abeh. Trata-se do trabalho de Jorge Luiz da Silva Júnior, intitulado *Mídia militante: por uma comunicação fora do armário*. No entanto, este trabalho não consta nos anais.

tamento em conjunto produziu. Antes de terminar, retomamos a primeira pergunta deste artigo, sobre qual seria o peso desses estudos de mídia dentro dos demais estudos sobre sexualidades e gêneros não normativos no Brasil. Esse nosso panorama preliminar não consegue ser suficientemente amplo e profundo para responder essa questão, mas aponta para algo que já é perceptível nos congressos, debates e publicações do gênero. O que é, portanto, esse algo? Na atualidade, não é mais possível falar em uma área do conhecimento que domine ou até que esteja mais habilitada a falar sobre as sexualidades. A antropologia, que já ocupou esse posto no Brasil, e a literatura, no caso específico dos congressos da ABEH, agora convivem com uma pluralidade, nem sempre pacífica, de outros saberes e atores que passaram a tratar sobre as sexualidades e os gêneros. Os estudos sobre a comunicação são apenas um desses outros.

Terminamos com a defesa da ampliação e maior qualificação dos estudos sobre a mídia, sexualidades e gêneros, em especial os que fogem dos padrões aceitos. Em um mundo em que os meios de comunicação desempenham um papel central, será impossível acabar com os preconceitos se não virmos refletidos e problematizados nesses produtos culturais a diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade. Eis aí uma pauta que ainda não ingressou com força no movimento LGBT brasileiro, que parece muito mais preocupado em atacar a homofobia por meio de marcos legais. Os estudos aqui citados e brevemente apresentados mostram que isso será insuficiente.

Referências

AGUERO, Dolores Aronovich. Os eunucos e as mulherzinhas: personagens coadjuvantes *gays* nos *chick flicks*. *Fazendo Gênero* 7. 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/D/Dolores_Aronovich_Aguero_35.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

ALONGE, Wagner. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos de auto-afirmação identitária em blogs *gays*. *Revista Bagoas*, Natal (RN), n. 1, p. 250-268, 2007.

ALÓS, Anselmo Peres. Madame Satã e a encarnação do feminismo: impasses de um malandro travestido de vermelho. *Revista Gênero*, v. 8, n. 2, p. 369-385, 2008.

ARANHA, Gláucio. Yaoi mangá: narrativa e estética da homoafetividade no universo das graphic novels japonesas. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA, 3., 2006, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2006.

AZEVEDO, Flávia A. de Oliveira. *Uma leitura queer da revista Júnior*. 2010. Trabalho (Conclusão de Curso) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2010.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. Jornal do Nuances: análise da construção de um periódico gay. *Revista Bagoas*, Natal (RN), n. 3, p. 179-204, 2009.

_____. Os homossexuais na mídia segundo militantes, acadêmicos e jornalistas. In: COSTA, Horácio et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 549-560.

BELELI, Iara. *Marcas da diferença da propaganda brasileira*. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/Tese.Iara_.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2011.

BELELI, Iara. “Eles(as) parecem normais”: visibilidade de gays e lésbicas na mídia. *Revista Bagoas*, Natal (RN), n. 4, p. 113 a 130, 2009.

BESSA, Karla. Os festivais LGBT de cinema: as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 257-283, 2007.

BORGES, Lenise Santana. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 363-384.

BRAGANÇA, Maurício de. *Corpos que ardem: Madame Satã e Plata Queimada*. *Revista Grumo: Cultura e Pensamento*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Os vampiros saem do armário: sexismo, homofobia e racismo na série True Blood. *Fazendo Gênero* 9, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278280660_ARQUIVO_OsVampirosSaemdoArmario.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.

COSTA, Horácio et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, v. 8, n. 1, p. 207- 222, 2 sem. 2007.

_____. *O que acontece com a imprensa quando um padre “solta a franga”?* Texto apresentado no III Congresso da ABEH, realizado em Belo Horizonte, de 5 a 7 de julho de 2006.

COLLING, Leandro; SANCHES, Júlio César. Quebrando o complexo de Gabriela: uma análise da transexualidade na telenovela *As filhas da mãe*. *Revista Bagoas*, Natal, n. 5, p. 167-185, 2010.

COLLING, Leandro; BARBOSA, Caio. A representação da homossexualidade na telenovela *Duas Caras*. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 561 a 582.

CONCEIÇÃO, Patrícia. *A heteronormatividade ensinada “tintim por tintim”*: uma análise das revistas *Atrevida* e *Capricho*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade brasileira. *Revista Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223- 234, 2008.. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

DE PAULA, Paulo Rodrigues. *Barebacking sex: a roleta-russa da AIDS?* Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

DIAS, Belidson. Gênero e sexualidades queer e ensino da cultura visual: carregando a bagagem e mastigando Almodóvar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA, 3., 2006, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2006.

DUPRAT, Nathalia. Cinema *gay* e estudos culturais: como esse babado é possível. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 23-25 maio 2007. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.

FEITOSA, Ricardo Augusto S. "We're *queer*" (?): representações de gênero nos editoriais da revista Junior. *Fazendo Gênero* 9, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278019511_ARQUIVO_ArtigoRicardoFeitosa.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2010.

FIGUEIRÔA, Alexandre. O sublime e o pitoresco em Brokeback Mountain. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA, 3., 2006, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2006.

GARCIA, Wilton. A articulação do corpo e alteridade em Madame Satã. *Revista da SOCINE*, São Paulo: Editora Panorama, ano 5, p. 161-169, 2003.

_____. Introdução ao cinema *queer* no Brasil: anotações. In: MACHADO, Rubens; SOARES, Rosana de Lima; ARAUJO, Luciana Corrêa de (Orgs.). *Estudos de Cinema Socine*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 369-373.

_____. Cinema brasileiro, corpo e diversidade sexual/cultural: estudos contemporâneos. *Conexão: Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul: EDUCS, v. 9, n. 15, p. 79 a 91, 2009.

_____. Diversidade sexual no documentário brasileiro: estudos contemporâneos. *Revista Bagoas*, Natal, n. 5, p. 149-166, 2010.

HAMBURGUER, Esther I.; ALMEIDA, Heloisa B. de. Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiências x imagens. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 115-139.

HIOKA, Luciana. Questões sobre um possível ponto de vista heteronormativo no filme O segredo de Brokeback Mountain. *Fazendo Gênero* 8, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST72/Luciana_Hioka_72.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

KLEAIM, Luiz Cláudio; SPERANDIO, Maria Inês Vancini. Um Romeu e Julieta para Evelyn?: romances e tragédias urbanos em páginas policiais. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 583- 598.

KRONKA, Graziela Zanin. Homossexualidade e nudez em revistas brasileiras. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 529-538.

LEITE, Francisco. A propaganda contraintuitiva e seus efeitos na (des)construção do estereótipo homossexual. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 519-528.

LOPES, Denílson. Cinema e gênero. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do cinema mundial*. Campinas (SP), 2008. p. 379-394.

_____. et al (Orgs.). *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. *Revista Educação e Realidade*, n. 33, p. 81-98, 2008.

MELO, Iran Ferreira de. *A concepção da homossexualidade em textos jornalísticos: uma análise crítica da transitividade verbal*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MELO, Iran Ferreira de. Representações sócio-discursivas da homossexualidade na mídia. João Pessoa, 2009. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais.

MISKOLCI, Richard. O segredo de Brokeback Mountain ou o amor que ainda não diz seu nome. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000200020&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 18 fev. 2011.

MONTEIRO, Luciana Fogaça; NARDI, Henrique Caetano. Operações de Gênero: o filme XXY (2007) e a produção do corpo e do sexo como “naturais”. *Athenea Digital*, n. 16, p. 35-46, 2009.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói: EdUFF, 2002.

MUCCI, Latuf Isaias. Figuração cinematográfica de São Sebastião, mito gay. *Fazendo Gênero 7*, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Latuf_Isaias_Mucci_35.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2011.

NAZARIO, Luiz. O outro cinema. *Aletria: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FALE/UFMG*, v. 16, p. 94-109, 2007.

NEPOMUCENO, Margareth Almeida. *O colorido cinema queer: onde o desejo subverte imagens*. João Pessoa: UFPB, 2009. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e Representações.

NOGUEIRA, Nádia. Travestismo feminino nos jornais, 1920 a 1960. *Fazendo Gênero* 8, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Nadia_Nogueira_39.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

NUCCI, Marina Fisher; MELO, Ana Paula Lopes de; CARVALHO, Marcos Castro. Conjugalidades homossexuais nos seriados televisivos *Queer as folk* e *The L World*: onde gênero e sexualidade se cruzam. *Fazendo Gênero* 8, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Nucci-Melo-Carvalho_39.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. Homossexualidade e subjetividade on line: um estudo de comunidades virtuais *gays*. *Alceu*, PUCRJ, v. 6, n. 11, p. 64-76, 2005.

_____. Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais *gays*. *Revista Bagoas*, Natal, n. 2, p. 211-230, 2008.

OLIVEIRA, Alessandro José. De "pedófilo" à "boylover": ilusão ou uma nova categoria sexual que se anuncia?. DIAZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 455-480.

OLIVEIRA, Lorena Orleans Calmon de Passos. *XXY e a androgenia*. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/52624/1/XXY-A-ANDROGENIA-NA-ATUALIDADE/pagina1.html>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Imagens do homoerotismo masculino no cinema: um estudo de gênero, comunicação e sociedade. *Revista Bagoas*, Natal, n. 1, p. 231-248, 2007.

PEREIRA. Luiz Guilherme Couto. Homoerotismo nas tirinhas de jornal. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 599-604.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RANGEL, Mary; CAETANO, Marcio. Identidade de gênero e discriminação social: a representação da TV em questão. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p.617-626.

REIS, Ramon Pereira dos; CANCELA, Cristina Donza. @“dominad@” e @“dominador@”: discutindo papéis identitários no seriado *Queer as Folk*. *Fazendo Gênero 9*, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277207983_ARQUIVO_ARTIGOFAZENDOGENERO9-RAMONREIS.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.

RIBEIRO, Irineu Ramos. Identidade capturada: a Parada do Orgulho Gay de São Paulo de 2007 nos telejornais. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil Homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 539-548.

RIBEIRO, Vinícius Kabral. Publicidade e heteronormatividade. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 637-646.

RODRIGUES, Ana Cláudia Reis. *O lesbianismo nas novelas: um estudo sobre a homossexualidade feminina em novelas da Rede Globo*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/projetos/2sem_2005/pdf/ARodrigues.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2011.

RODRIGUES, Geisa. Madame Satã enquadrado. *Revista da SOCINE*, ano 6, São Paulo: Nojosa Edições, p. 277-283, 2005.

RODRIGUES, André Iribure. As masculinidades subordinadas na publicidade. *UNirevista* (UNISINOS. Online), v. 1, p. 1-19, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Rodrigues.PDF>. Acesso em: 2 ago. 2011.

_____. A publicidade e propaganda como representação GLBT e estratégia de mercado GLS. *Comunicação & Política*, v. 26, p. 3-25, 2008.

_____. Estratégia para chamar atenção?: um panorama da representação das homossexualidades na publicidade e propaganda da televisão brasileira. In: MACHADO, Maria Berenice da Costa. (Org.). *Publicidade e propaganda: 200 anos de história no Brasil*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009. p. 327-347.

RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa *gay* nacional. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 499-508.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto; VICTORIO FILHO, Aldo. Repaginando identidades: o caminho da imprensa *gay* nacional. *Fazendo Gênero* 8, 2007. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Rodrigues_Filho_46.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2011.

SANTOS, Matheus. **Queer Buba: intersexualidade em cena na telenovela Renascer**. Campina Grande/PB, 2010. Trabalho apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

_____. **Salvos pelo camp: uma análise da representação dos não-heterossexuais na telenovela Paraíso Tropical**. Salvador, 27 a 29 de maio de 2009. Trabalho apresentado no V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.

SANTOS, Daniela Barsotti; SILVA, Rosalina Carvalho. Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saúde soc.* [online], v. 17, n. 2, p. 22-34, 2008.

SANTOS Joseylson Fagner dos; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. *Corpo e sentimento: 46 anos de imprensa gay no Brasil*. Curitiba (PR), 4-7 set. 2009. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0286-1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2011.

SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Orgs.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.

SIERRA, Jamil Cabral. A mídia travestida: a captura da travestilidade a partir das narrativas “do bem”. *Fazendo Gênero* 7, 2006.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. Prazer sem camisinha: novos posicionamentos em redes de interação on-line. *Cadernos Pagu* [online], número 35, p. 241-277, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 fev. 2011.

SILVA, Marcos Aurélio da. Desejo, imagem e cultura *gay* contemporânea: uma antropologia da comunicação marginal. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 605-616.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. Coisa difícil é ser belo: a construção dos corpos e a produção de subjetividades em imagens fotográficas do masculino. *Revista Gênero*, 2011 (nesta edição).

SILVA, Fábio Ronaldo da; MONTENEGRO, Rosilene Dias. Eu sou homem com "H": as representações de virilidade nas capas da G Magazine. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 509-518.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. Vozes da bichórdia: construções de identidade homossexual nos discursos dos leitores do jornal *Lampião da Esquina*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA, 3., 2006, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2006.

SOARES, Rosângela de F. R.; MEYER, Dagmar E. Estermann. O que se pode aprender com a "MTV de papel"?: sobre juventude e sexualidade contemporâneas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2009.

SOUZA, Andréa Bittencourt de. Billy Elliot: representações de gênero e sexualidade ensinando um modo de ser bailarino. *Fazendo Gênero 7*, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Andrea_Bittencourt_de_Souza_35.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2011.

TAVARES, Ariel; ALVES, Lourdes Kaminski. Representação da personagem Ennis Del Mar no filme *O segredo de Brokeback Mountain*: identidade e heteronormatividade. *Revista Travessias*, v. 2, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3100/2438>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

TEDESCO, Marina Cavalcanti. Mulheres e cadeia: discurso sobre maternidade e lesbianidade em três produções audiovisuais latino-americanas contemporâneas. In: PAIVA, Samuel; CÂNEPA, Laura; SOUZA, Gustavo (Orgs.). São Paulo, 2010. p. 47-58. Trabalho apresentado no XI Estudos de Cinema e Audiovisual Socine.

TORRE, Michelle Márcia Cobra. Mídia e homofobia: aproximações. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2010. p. 627-636.

VEIGA, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A heteronormatividade na produção das notícias. Campinas, 8-12 out. 2010. Trabalho apresentado no 8º ENUDS – Encontro Universitário da Diversidade Sexual. Disponível em: <www.identidade.org.br/.../Marcia%20Veiga%20e%20Virginia%20Fonseca.doc>. Acesso em: 15 fev. 2011.

VELOSO, Maria Thereza. Fazendo gênero com Almodóvar (ou ressignificando para significar). *Fazendo Gênero 8*, 2008 Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST72/Maria_Thereza_Veloso_72.pdf>. Acessado em 13 fev. 2011.

ZANFORLIN, Sofia. *Espaços e mediações: análises do seriado televisivo Os Assumidos (Queer as Folk)*. 2004. Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.